

NAO é para falar mal — eu até que não sou do contra — mas esse govêrno parece filho de mulher velha. Já nasceu perrenque, e em tão pouco tempo já nos parece tão usado, tão salado (pelo amor de Deus, estou usando a palavra no bom velho sentido lusitano) que lembra essas frutas que apodrecem artes de madurar.

Vamos começar pela Polícia Militar. Gastamos muito mais de 60 anos de República para conseguir ter uma corporação policial decente e simpática. Os antigos «meganhas» viraram Cosme e Damião. Em alguns meses de govêrno tudo isso vai por água abaixo, e a Polícia Militar assume a tarefa odiosa de espancar estudantes, jornalistas e parlamentares. E o coronel Ururá é que comanda pessoalmente o massacre.

Demiti-lo? Não. O govêrno não demite; o govêrno apenas mente, mente de cara limpa, mente a ponto de encabular seus próprios deputados na Câmara. O presidente da República faz um discurso e no lugar de anunciar a punição dos criminosos fardados fala em autoridade, autoridade, autoridade. Será que o sr. Juscelino acreditou no que ele mesmo disse em Campina Grande depois daquele agradável pilequinho no apartamento do meu caro Paulo Bittencourt? Se era para a Polícia Militar fazer esses papéis, que necessidade havia de mobilizar pela madrugada os ministros e as forças de terra, mar e ar, para dar ordem aos «meganhas»?

Sexta-feira eu vinha pela Avenida Atlântica em um táxi, cêrca de meia-noite, em companhia de mimosa senhorita, quando surgiam de uma esquina, em carreira desabalada, uns oito ou dez estudantes. Atrás vinham soldados da Polícia Militar. Um deles, chegando à esquina da praia, ergueu o fuzil e fez um disparo na direção dos estudantes que fugiam. Como nesse momento o meu táxi passava, o «chauffeur» escondeu a cabeça por baixo do volante, e quase vamos em cima do poste. Entre mortos e feridos não houve ninguém. Mas, que diabo, não é agradável.

Não gostei. Gostei menos ainda do que vi sábado, quando fui almoçar nos Marimbás. Havia uma intensa atividade no Forte de Copacabana. Pelotões em marcha, fuzil na mão, Ordens, gritos. Viaturas saindo depressa com soldados armados e municados. Viaturas voltando idem. Para que? Já tenho visto nosso Exército em paradas, em revoluções, em guerra. Não gosto de vê-lo assim, mobilizado contra bochinchos de estudantes. Confrange.

Contarei mais. Sou um senhor simpático, de maneira que tenho amigos em tôdas as classes sociais e partidos políticos. Ontem encontrei dois amigos comunistas. Estavam menos indignados do que perplexos. Contaram-me que eles, comunistas, desde o primeiro instante, viram com apreensão o movimento de protesto dos estudantes. Achavam que eles tinham razão, mas temiam pela ordem e pela legalidade, porque ao partido deles não interessa, no momento, nenhum transtôrno. E vinha o ministro da Justiça e vinha o presidente da República, eleito com os votos deles, botar a culpa nos comunistas. Ah, ingrataliã!

O nosso Moses protesta contra «o massacre de máquinas fotográficas» e aproveita para pedir uma indenização do govêrno na base de 50 contos à unidade. O ministro da Justiça, a quem Moses chama de «cultor do Direito» (logo esse, que pegou uma chepinha de presidente da República, de carona no jipe do general Lott) não precisa ficar assustado. O Moses deixa por menos, faz um abatimento.

Mas isso resolve? Não resolve. Bonita foi a atitude da Associação Comercial do Rio de Janeiro. No meio dessa pancadaria tôda o sr. Rui Gomes de Almeida passa um telegrama de solidariedade ao presidente da República, em nome das classes produtoras, porque a «economia nacional precisa de tranquilidade». Que ampla perspectiva se descortina atrás de um balcão! É um ôlho na máquina registradora, outro no futuro da Pátria, e que o pau coma lá fora.

Para dar um frenesi no ambiente o presidente da República assina em cima da perna 20 decretos feitos pelos bispos no Nordeste. Depois de abrir os portos do Brasil ele vai fazer um Estado de São Paulo no Nordeste, com a bênção papal. Agora é só mudar a capital e está tudo resolvido. Por que não se muda logo, Excelência? Por favor, não se esqueça de levar seus ministros e meganhas; muito boa viagem e beijinhos nas crianças.